

“Esse não, mas Barrabás!” (Jo 18,40)

“This not but Barabbas!” (Jo 18,40)

*Gilvan Leite de Araújo**

Resumo: O relato da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo nos quatro Evangelhos relaciona diversos personagens como Pedro, Judas Iscariotes, Chefes dos Sacerdotes, Chefes dos Anciãos e Pilatos. Entre estes diversos personagens, surge a figura de Barrabás que é posto em relação com Jesus Cristo. Este estudo propõe evidenciar este emblemático personagem posto em relação com Jesus durante a sua paixão.

Palavras-chaves: Barrabás; Pilatos; Paixão de Jesus Cristo.

Abstract: The narrative of Passion, Death and Resurrection of Jesus Christ in the four Gospels relates several persons, as Peter, Judas Iscariot, Chief of the Priests, Chief of the Elders and Pilate. Between these various personages appears the figure of Barabbas who is put into relationship with Jesus Christ. This study proposes highlight this character put into relationship with Jesus during his passion.

Keywords: Barabbas, Pilate, Passion of Jesus Christ.

Introdução

Os relatos de processo de condenação de Jesus apresentados pelos quatro Evangelhos nos colocam diante de um personagem inusitado chamado Barrabás (cf. Mt 27,15-22; Mc 15,6-15; Lc 23,18-25; Jo 18,39-40). O personagem surge quando Pilatos resolve anistiar um dos

* Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma e membro do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP.

prisioneiros: “É costume entre vós que eu solte um preso” diz Pilatos (Jo 18,39; cf. Mt 27,15; Mc 15,6).

O Apóstolo Pedro ao discursar junto ao pórtico de Salomão proclama: “Jesus, a quem vós entregastes e negastes diante de Pilatos, quando este já estava decidido a soltá-lo. Vós acusastes o Santo e o Justo, e exigistes que fosse agraciado para vós um assassino, enquanto fazíeis morrer o príncipe da vida” (At 3,13-15). O Apóstolo relembra o processo de Jesus e a escolha e libertação de Barrabás, apresentando-o como um assassino/homicida (φονεύς) preferido ao “santo e justo” Jesus.

Os Evangelhos apresentam Barrabás de modo diferenciado entre si. Para Mateus, Barrabás é “*um preso famoso*” (Mt 27,16), para Marcos, ele era “*um*” que foi “*preso com outros amotinados que, numa revolta haviam cometido um homicídio*” (Mc 15,7); para Lucas, “*este... havia sido preso por um motim na cidade e por homicídio*” (Lc 23,19) e, finalmente, para João, Barrabás “*era um bandido*” (Jo 18,40). Como se pode perceber, enquanto para Mateus, Barrabás era um preso famoso para João trata-se de um bandido. Além disso, existe uma grande diferença entre um preso famoso proposto por Mateus, para “um” qualquer proposto por Marcos.

A presença de Barrabás no relato da Paixão de Jesus é singular. Posto em relação a Jesus permite uma melhor compreensão do processo da paixão e o motivo pelo qual o Filho de Deus será condenado.

Quem era Barrabás?

Não sabemos muita mais daquilo que nos oferecem os quatro Evangelhos.¹ O nome aparece onze vezes, sendo cinco em Mateus, três em Marcos, uma em Lucas e duas em João. Etimologicamente, o nome Barrabás vem do aramaico e significa “filho do Pai”. Alguns manuscritos sugerem que o nome Barrabás possa significar “*Filho de Rabban*”, que quer dizer “*Filho do nosso mestre*”.²

¹ Cf. BROWN, R. E., *El Evangelio según Juan* (XIII-XXI). Madrid: Ediciones Cristiandad, 2000, p. 1244.

² Idem.

Analisando as referências sobre Barrabás nos Evangelhos encontram-se, as seguintes características:

a) “um preso famoso chamado [Jesus] Barrabás” (Mt 27,15-26)

Por ocasião da Festa, era costume o governador soltar um preso que a multidão desejasse. Nesta ocasião, tinham eles um preso famoso, chamado Barrabás. Como estivessem reunidos, Pilatos lhes disse: “Quem quereis que eu vos solte, Barrabás ou Jesus, que chamam Cristo?” Ele sabia, com efeito, que eles o haviam entregue por inveja... Os chefes dos sacerdotes e os anciãos, porém, persuadiram as multidões a que pedissem Barrabás e que fizessem Jesus perecer. O governador respondeu-lhes: “Qual dos dois quereis que eu vos solte? Disseram: “Barrabás”. Pilatos perguntou: “Que farei de Jesus, que chamam de Cristo?”. Todos responderam: “Seja crucificado!”. Tornou a dizer-lhes: “Mas que mal ele fez?”. Ele, porém, gritavam com mais veemência: “Seja crucificado!”. Vendo Pilatos que nada conseguia, mas, ao contrário, a desordem aumentava, pegou água e, lavando as mãos na presença da multidão, disse: “Estou inocente desse sangue. A Responsabilidade é vossa”. A isso todo o povo respondeu: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.” Então soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de açoitá-lo, entregou para que fosse crucificado.

No grego encontramos expressamente “δέσμιον ἐπίσημον λεγόμενον [Ἰησοῦν] Βαραββᾶν” = “um preso famoso chamado [Jesus] Barrabás”, ou seja, Mateus assume uma tradição apócrifa que relaciona Barrabás a Jesus através do nome. Assim, em Mateus, Pilatos estaria oferecendo aos judeus dois Jesus, um a ser condenado, outro a ser libertado.³ Além disso, é o Evangelista que mais cita o nome de Barrabás, ou seja, cinco vezes de um total de onze citações.

Mateus e Marcos sublinham que os chefes dos sacerdotes e os anciãos haviam entregado Jesus por inveja (=φθόνος) e Pilatos tem consciência deste fato. Por isso, Pilatos procura se desvencilhar da situação ou procura provocar tais lideranças? Sabendo que existe um sentimento de aversão dos chefes dos sacerdotes e dos anciãos por Jesus, não faz muito sentido pergunta-lhes se desejam condená-lo ou

³ Cf. BROWN R.E. , *El Evangelio según Juan* (XIII-XXI), p. 1244.

libertá-lo, pois, é evidente a intenção destas lideranças. Assim, não é provável que quisesse desvencilhar-se da situação.

O relato mateano possui expressivo número de personagens: Jesus, Pilatos, a Mulher de Pilatos, Barrabás, os sumos-sacerdotes, os anciãos e a multidão. Mateus trata do tema da multidão a partir de um crescente: multidão (v. 15: τῷ ὄχλῳ), as multidões (v. 20: τοὺς ὄχλους), todos (v. 22: πάντες) e, finalmente, todo o povo (v. 25: ὁ λαός).⁴ Uma característica da narrativa mateana são duas menções: a primeira é o sonho da mulher de Pilatos (Mt 27,19) e a segunda é a aclamação popular de que o sangue cai sobre eles (cf. Mt 27,25).⁵

Em Mateus, Barrabás é introduzido em cena a partir da menção de que era costume do governador anistiar um preso durante a Páscoa (cf. Mt 27,15)⁶ e que Barrabás era um prisioneiro famoso. A multidão presente diante do Palácio do Governador é configurada como uma assembleia popular (συνηγμένῳ ὄνι αὐτῶν). Neste Evangelho é Pilatos que, na função de juiz, propõe dois candidatos à multidão a fim de anistiar um (Barrabás ou Jesus).⁷ Nota-se que existe similaridade de nome entre os candidatos propostos por Pilatos: Jesus Barrabás ou Jesus chamado Cristo? (Mt 27,17; cf. v.16: [Ἰησοῦν τὸν] Βαραββάν ἢ Ἰησοῦν τὸν λεγόμενον χριστόν).⁸

O ato de anistiar um prisioneiro durante a páscoa é descrito como costume (εἰώθει'εἰωθα: costume, o que é habitual) e a escolha do prisioneiro a ser anistiado é de escolha popular.⁹ Pilatos mantém-se sentado na sua função de juiz e se nega a condenar Jesus, após a escolha popular, preferindo lavar as mãos, declarando-se inocente deste sangue. Alguns estudiosos buscam evidências no Sl 26(25),6 ou em Dt 21,1-9 como justificativa para o gesto de Pilatos, mas ambos os textos possuem contextos diversos daquilo que está acontecendo com Jesus.¹⁰

⁴ Cf. GNILKA, J. *Il Vangelo di Matteo*, Parte Seconda. Brescia: Paideia Editrice, 1991. p. 659.

⁵ Ibidem, p. 661.

⁶ Ibidem, p. 660.

⁷ Ibidem, p. 661.664.

⁸ Ibidem, p. 661.664.

⁹ Ibidem, p. 664.

¹⁰ Cf. GNILKA, J. *Il Vangelo di Matteo*, p. 667-669.

b) “um... que...havia cometido um homicídio” (Mc 15,6-11)

Por ocasião da Festa, ele lhes soltava um preso que pedissem. Ora, havia um, chamado Barrabás, preso com outros amotinadores que, numa revolta haviam cometido um homicídio. A multidão, tendo subido, começou a pedir que lhes fizesse como sempre tinha feito. Pilatos, então, perguntou-lhes: “Quereis que vos solte o rei dos judeus?” Porque ele sabia, com efeito, que os chefes dos sacerdotes o tinham entregue por inveja. Os chefes dos sacerdotes, porém, incitavam o povo a pedirem, antes, que lhes soltasse Barrabás. Pilatos perguntou-lhes de novo: “Que farei de Jesus, que dizeis ser o rei dos judeus?” Eles gritaram de novo: “Crucifica-o!”... Pilatos, então, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás e depois de mandar açoitar Jesus, entregou-o para que fosse crucificado.

A iniciativa de libertar um prisioneiro parte diretamente da multidão que “sobe” até Pilatos exigindo que este cumpra um costume, ou seja, soltar um preso durante a Festa.

Marcos sublinha que o motivo pelo qual os chefes dos sacerdotes tinham entregue Jesus era por “inveja”, como no relato mateano. Contudo, isto não possui peso jurídico para uma prisão e muito menos para uma condenação. No relato de Marcos, Pilatos tenta três vezes libertar Jesus, mas encontra a reação do povo incitado pelos chefes dos sacerdotes. Nota-se que Pilatos desempenha um papel de “advogado de defesa” de Jesus, enquanto os chefes de sacerdotes assumem um papel de advogado de defesa de Barrabás.¹¹ Além do mais, Barrabás está preso por amotinamento e não pesa diretamente sobre ele a culpa do homicídio.¹² Em todo caso, Jesus, que não possui nenhum motivo de condenação, é condenado no lugar de um amotinador passível de culpa. Assim, Jesus é o Justo que sofre sem culpa. No relato de Marcos, Jesus vem apresentado como “Rei dos Judeus”, isto concedia força para uma condenação, neste caso, Jesus poderia ser acusado de traição. Diferente de Barrabás que passa a ser configurado como um tipo de libertador: “*preso por amotinamento*”. Deste modo Jesus é apresentado como um traidor do estado e Barrabás um libertador

¹¹ Cf. PESCH, R. *Il Vangelo di Marco*, p. 676.

¹² *Ibidem*, p. 678.

popular. Lógico que os dois estariam, no caso, presos por oposição ao governo romano, mas a forma como são apresentados difere, um é libertador popular, outro quer assumir o trono (= “Quereis que vos solte o rei dos judeus?... Que farei de Jesus, que dizeis ser o rei dos judeus?”). Um é apenas o rebelde popular, que age em nome do povo, o outro é o revolucionário político. Enquanto no relato mateano Pilatos se recusa a condenar Jesus (= “Estou inocente desse sangue”), no relato marcano, Barrabás é solto por Pilatos para “agradar” a multidão.

c) “este último havia sido preso por um motim na cidade e por homicídio” (Lc 23,13-25)

Depois de convocar os chefes dos sacerdotes, os chefes o povo, Pilatos disse-lhes: “Vós me apresentastes este homem como agitador do povo; ora, eu o interroguei diante de vós e não encontrei neste homem motivo algum de condenação, como o acusais. Tampouco Herodes, uma vez que ele o enviou novamente a nós. Como vedes, este homem nada fez que mereça a morte. Por isso eu o soltarei, depois de o castigar.” [17] Eles, porém, vociferaram todos juntos: “Morra esse homem! Soltai-nos Barrabás!” Este último havia sido preso por um motim na cidade e por homicídio. Pilatos, querendo soltar Jesus, dirigiu-lhes de novo a palavra. Mas eles gritavam: “Crucifica-o!”. Pela terceira vez, disse-lhes: “Que mal fez este homem? Nenhum motivo de morte encontrei nele! Por isso o solto depois de o castigar”. Eles, porém, insistiam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado; e seus clamores aumentavam. Então Pilatos sentenciou que atendesse ao pedido deles. Soltou aquele que fora posto na prisão por motim e homicídio, e que eles reclamavam. Quanto a Jesus, entrego-o ao arbítrio deles.

No relato lucano, Pilatos na condição de juiz convoca os chefes dos sacerdotes e os chefes do povo para dirimir a questão a respeito de Jesus, entregue por estes. A defesa é apresentada por Pilatos de forma resumida e elegante durante a audiência, que expõe o seu ponto de vista através do dialogo e com cuidado¹³ através de tríplice declaração

¹³ Cf. BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas*, IV. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010. 481.482.

de inocência típica de Lucas (23,4.14.22) e João.¹⁴ No entanto, os interlocutores gritam de modo sempre mais violento.¹⁵ A comissão convocada por Pilatos mostra-se irascível, através de ‘grandes gritos’ rejeitando qualquer forma de dialogo, ao contrário, pressionando Pilatos para obter o que desejam, ou seja, a condenação de Jesus a morte. Leva-se em conta, que no relato lucano a inocência de Jesus, anunciada por Pilatos vem acompanhada com a indagação de que Herodes também não encontra em Jesus motivo de condenação.¹⁶

Os chefes dos sacerdotes e dos anciãos, na audiência, rejeitando a proposta de Pilatos, passam a exigir a libertação de Barrabás. Este último surge no relato de forma inusitada. Lucas apenas descreve quem é este novo personagem que entra em cena, ou seja, um prisioneiro que havia sido preso por motim e por homicídio. No relato lucano, diferente de Mateus e Marcos, Barrabás surge como culpado de homicídio de forma precisa¹⁷ (“este último havia sido preso por um motim... e por homicídio”: Lc 23,19).

O ato de liberar um preso no relato lucano, no caso Barrabás, acontece por meio de pressão popular.¹⁸ Diferente de Mateus e Marcos são os chefes dos sacerdotes e os chefes do povo que são convocados por Pilatos para expor-lhes a questão da inocência de Jesus. A multidão aparece somente no momento no qual Jesus é conduzido a Pilatos; mesmo assim, a expressão ‘multidão’ parece aplicar-se aos membros do Sinédrio (cf. Lc 22,66-23,1).

A questão toda é resolvida a partir de um veredicto de Pilatos que sentencia a libertação de Barrabás e a entrega de Jesus ao arbítrio dos chefes dos sacerdotes e dos chefes do povo, atendendo ao pedido destes.

A perícopes de Lc 23,18-25 é inspirada em Marcos 15,6-15 e segue o seguinte esquema: 1) o grito da multidão que pede a libertação de Barrabás; 2) a identificação de Barrabás. Contudo, com maior precisão; 3) a multidão exige que Jesus seja crucificado; 4) a multidão exige

¹⁴ Ibidem, p. 476.

¹⁵ Ibidem, p. 475.

¹⁶ Cf. FISTZMYER, J. A., *El Evangelio según Lucas*, IV, Madrid: Ediciones Cristiandad, 2006, 463.

¹⁷ Cf. BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas*, p. 486.

¹⁸ Ibidem, p. 476-477.

que seja atendida a sua solicitação; 5) Pilatos acata a exigência da multidão; 6) libertação de Barrabás e 7) Jesus é entregue nas mãos dos adversários.¹⁹

d) “Barrabás era bandido” ἦν δὲ ὁ Βαραββᾶς ληστής. (Jo 18,38-40)

...saiu de novo e foi ao encontro dos judeus e lhes disse: “Não encontro nele nenhum motivo de condenação. É costume entre vós que eu vos solte um preso, na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?” Então eles gritaram de novo, clamando: “Esse não, mas Barrabás!” Barrabás era bandido.

O relato sobre Barrabás no Quarto Evangelho é o mais sucinto e coloca-se no meio do processo contra Jesus, onde procura centralizar a sua realza.²⁰ A iniciativa de anistiar um prisioneiro parte de Pilatos, que neste caso, vai ao encontro dos judeus e propõe a libertação de Jesus, tendo como resposta, aos gritos, o pedido de libertação de Barrabás. Assim como em Lucas, a pessoa de Barrabás é apresentada como sendo um criminoso, no caso joanino “um bandido” (ληστής). No diálogo, Pilatos, ao tratar do costume de anistia pela pascoa, propõe aos judeus retirar a acusa contra Jesus, tendo uma resposta negativa.²¹

Diferente de Mateus, no qual é Pilatos que sugere a soltura de Barrabás ou Jesus, nos demais evangelhos são os judeus que pedem a libertação de Barrabás e a condenação de Jesus.²²

Pilatos, como no Evangelho de Lucas, declara por três vezes a inocência de Jesus diante dos acusadores (Jo 18,38; 19,4.6).²³ No relato lucano, Jesus é apresentado por Pilatos apenas como um inocente no qual não se encontra nenhuma culpa, enquanto no relato joanino ele é apresentado, também sem culpa, mas com o título de “rei dos judeus”. João salienta a inocência de Jesus (18,38; 19,4-6) um pouco mais que Marcos, mas não como Lucas.²⁴

¹⁹ Cf. FISTZMYER, J. A., *El Evangelio según Lucas*, p. 469

²⁰ Cf. NEVES, J. C. das. *Escritos de São João*. Lisboa, Universidade Católica Editora. p. 263.

²¹ Cf. SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, Parte Terza. Brescia: Paideia Editrice. 1981. pp. 401-402.

²² Cf. BROWN, R. E., *El Evangelio según Juan* (XIII-XXI), p. 1244.

²³ *Ibidem*, p. 1241.

²⁴ DODD, C. H., *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica-Paulus 2003. P. 549.

Pilatos, no relato joanino, não encontra nenhuma culpa em Jesus, buscando inocentá-lo. Por qual motivo atribui à Jesus, o título de “Rei dos Judeus”? Levando-se em conta que tal título imputa sobre Jesus uma carga política, ao evidenciá-lo como chefe de estado. No caso, Jesus seria culpado de crime contra o estado romano ao, possivelmente, reivindicar o direito de chefe de estado judaico. Tratando do tema, Brown sugere algumas hipóteses, a partir de alguns estudos: a) Pilatos estaria usando sarcasmo. Tal hipótese demonstra-se improvável diante da construção da narrativa; b) tentativa de exaltar os sentimentos nacionalistas da multidão que viam em Barrabás um tipo de herói nacionalista. Neste caso, seria conveniente para Pilatos a escolha de Jesus, que não representava um perigo político para estado, diferente de Barrabás, que era acusado de amotinamento.²⁵ Contudo, torna-se necessário evidenciar a acusação feita a Barrabás no relato Joanino. De fato, no Quarto Evangelho, Barrabás é acusado de ser um ληστής. A palavra ληστής pode significar apenas um simples ladrão. Contudo, no grego prefere-se utilizar a expressão κλέπτης, como é aplicado a Judas Iscariotes em Jo 12,6. Tendo em vista que João utiliza as duas expressões, como é típico do vocabulário joanino, deve-se preferir as demais designações próprias de ληστής. A expressão ληστής indica originariamente o “predador”, sendo aplicado para o mercenário ou o soldado no ato de saquear.²⁶ Posteriormente, a expressão assume o significado de bandido, com os sentidos de saqueador ou ladrão, ou pirata, outros. Flávio Josefo aplica a expressão ληστής para designar os membros do grupo dos zelotas.²⁷ Mt 26,55 relaciona a expressão ληστής, com o tema do messianismo, quando Jesus é preso como um zelota.²⁸ Relacionando o relato de Mateus (27,16) com o de João, seria possível individuar Barrabás como chefe dos zelotas.²⁹ Em Jo 10,8 Jesus se refere aos falsos messias, que vieram antes deles, chamando-os de

²⁵ Cf. BROWN, R.E., *El Evangelio según Juan* (XIII-XXI), p. 1243.

²⁶ Cf. RENGSTORF, K.H., ληστής, in GLNT, v. VI, p. 699.

²⁷ Ibidem, p. 701.

²⁸ Cf. RENGSTORF, K.H., ληστής, in GLNT, v. VI, p. 710.

²⁹ Cf. RENGSTORF, K.H., ληστής, in GLNT, v. VI, pp. 711-712.

“ladrões e assaltantes” (κλέπται εἰσὶν καὶ λησταί). Flávio Josefo também chama os zelotas de ληστής³⁰

Leva-se em conta que em Mateus e Marcos, Jesus é crucificado ao lado de dois ληστής (Mt 27,38; Mc 15,27), enquanto que Lucas apenas afirma que a direita e a esquerda de Jesus foi crucificado dois malfeitores (Lc 23,33: κακοῦργος) e João relata de Jesus foi crucificado entre dois outros (Jo 19,18).

Tratando, ainda, da questão de Jesus como Rei dos Judeus, no relato marcano, Pilatos informa que Jesus é considerado pelos judeus como Rei (= “que dizeis ser o rei dos judeus”: Mc 15,12). Enquanto no relato joanino e mateano é o próprio Pilatos de nomeia Jesus Rei dos Judeus (= “Tu o dizes: eu sou rei”: Jo 18,37; Mt 27,11). A tentativa de libertação de Jesus por parte de Pilatos estaria no fato dele mesmo ter nomeado Jesus como rei? O relato joanino da Paixão de Jesus Cristo (cf. Jo 18-19) deixa transparecer tal possibilidade, pois se encontra indícios típicos de uma nomeação e entronização real, enquanto no relato mateano, Pilatos parece desconsiderar tal título aplicando, a seguir, o título de Cristo a Jesus (cf. Mt 27,22) e no relato marcano, nenhuma consideração é feita por Pilatos sobre o título (cf. Mc 15,2). Em todo caso, no relato joanino, Pilatos entrega Jesus, como Rei dos Judeus, para ser crucificado (cf. Jo 19,16).

Pilatos, ao nomear Jesus como Rei dos Judeus, em João, procura desesperadamente se desvencilhar de uma possível questão diplomática, não tendo outra saída a não ser entregar Jesus para ser crucificado. Por outro lado, Barrabás que sucintamente é apresentado como um “agitador” ou “revolucionário político” é libertado. Pode-se sentir que Jesus e Barrabás são apresentados, no Quarto Evangelho, como potenciais “inimigos do estado”.

Por ocasião da festa

“Por ocasião de uma festa, era costume o governador soltar um preso que a multidão desejasse” (Mt 27,15).

³⁰ Cf. NEVES, J.C. das. *Escritos de São João*. p. 265.

“Por ocasião da Festa, ele lhes soltava um preso que pedissem” (Mc 15,6).

“É costume entre vós que eu solte um preso, na Páscoa” (Jo 18,39).

Os textos de Mt, Mc e Jo são concordes ao afirmarem o costume do governador de anistiar um prisioneiro por ocasião de uma festa. Mateus, no entanto, deixa transparecer que tal costume podia ser realizado por ocasião de alguma das festas judaicas, enquanto Marcos sublinha tratar-se “da Festa”, sendo somente João a especificá-la claramente, ou seja, a festa judaica da Páscoa. O relato lucano mantém silêncio sobre esta prática. O versículo 17 do capítulo 23 faz menção a este costume, conforme se encontra em alguns testemunhos antigos, mas parece tratar-se de glosa posterior. Motivo pelo qual a exegese moderna retirou este versículo do relato oficial.

Mateus e João mencionam um “costume” de anistiar prisioneiro. Mas, de que costume se trata? Os textos bíblicos e os historiadores antigos não fornecem nenhuma informação que possa legitimar tal prática. Marcos (15,6 [Lc 23,17]) afirma ser uma prática de Pilatos. Mateus afirma ser uma prática do governador (27,15), enquanto João deixa transparecer que se trate de uma prática judaica em relação à Páscoa (18,39).

Não existem informações históricas sobre um costume judaico ou romano de anistiar um preso. Pesch, baseando-se nos estudos de Merkel, comenta tratar-se apenas de uma vênia concedida pelo governador romano durante uma solenidade dos judeus,³¹ não sendo um costume nem entre os judeus e nem entre os romanos. Pilatos procura atender a iniciativa popular sugerindo a libertação de Jesus, ao passo que a multidão exige a libertação de Barrabás, incitados pelos chefes dos sacerdotes.³² A narrativa marcana deixa transparecer que a libertação de um preso é de direito popular, o qual Pilatos procura corresponder através de uma contraproposta de candidato. Leva-se em conta que Jesus não aparece, de imediato, como um candidato possível.³³

³¹ Cf. PESCH, R. *Il Vangelo di Marco*, Parte seconda. Brescia: Paideia Editrice; 1982. p. 677.

³² Ibidem, p. 680.

³³ Idem, p. 680.

Sobre o “costume de anistiar” um prisioneiro, os Evangelhos concordam sobre este hábito por ocasião da Páscoa. A divergência, como se pode observar, é se a anistia é um costume do governador romano, ou de Pilatos em particular ou, ainda, do povo judeu confirmado por Pilatos.³⁴

A relação entre Jo 18,38-40 e 8,31-59

Esta última parte, apesar de fugir da sequencia comparativa entre os relatos sobre Pilatos nos relatos da Paixão de Jesus Cristo nos quatro Evangelhos, deseja apresentar uma análise particular do relato joanino. Tal análise estabelece contato entre Jo 18,38-40 e 8,31-59. Tal inserção nesta pesquisa é no intuito de ampliar o significado de Barrabás, agora numa perspectiva teológica.

A perícopos de João 8,31-59 esta no bloco que trata de Jesus durante a celebração da Festa das Tendias (Jo 7-8), que é uma particularidade em todo Novo Testamento. Neste bloco enquanto Jesus se manifesta enquanto messias, diversas grupos discutem agressivamente com Jesus. Entre as táticas de controvérsias entra o tema da paternidade abraâmica. Na discussão os judeus³⁵ afirmam serem filhos de Abraão. Jesus reclama paternidade não a partir de genealogia, mas a partir das obras (cf. Jo 8,41). Entre elas está a acusação feita por Jesus de que os judeus querem mata-lo (cf. Jo 8,37.40) e que eles realizam as obras do pai deles (vosso pai: Jo 8,38). Não tendo êxito, os judeus mudam de argumento afirmando serem filhos de Deus (cf. Jo 8,41). Finalmente, a afirmação categórica de Jesus ao exclamar que os judeus são filhos do diabo (cf. Jo 8,44). Jesus afirma ainda os atributos próprios do diabo: mentira e homicídio (Jo 8,44). O relato joanino passa a relacionar os

³⁴ Cf. BROWN, R.E. *La Morte del Messia*. Brescia. Queriniana1999. p. 897.

³⁵ No Quarto Evangelho se deve ter um cuidado especial quando se trata do tema judeus, a fim de não se cair num antissemitismo, o que seria totalmente equivocado. Para clarear a questão pode-se utilizar Jo 7,11-13. Neste relato o autor nos apresenta ‘os judeus’ (7,11) que possuem medo ‘dos judeus’ (Jo 7,13). O primeiro grupo trata-se claramente do povo judeus, enquanto o segundo grupo trata-se das lideranças judaicas. Portanto, a acusação do capítulo oito refere-se diretamente às lideranças judaicas. Esta distinção é necessária, pois não se pode esquecer que Jesus também é judeu.

atributos do diabo com as ‘obras’ dos judeus. Isto estabelece o vínculo com o relato da paixão, onde os atributos do diabo são verificáveis nas atitudes dos judeus.

Tomando o tema da paternidade do capítulo 8 e relacionando com a questão de Barrabás do capítulo 18 evidencia-se que as lideranças judaicas têm entre si dois filhos: Jesus que se auto apresenta como “filho do Pai” e Barrabás cujo nome significa “filho do pai”. Tendo em vista que durante o processo as lideranças judaicas exigem a morte de Jesus e mentem para conseguir isto, eles acabam confirmando, pelas obras, serem de fato, “filhos do diabo” de Jo 8,44:

Primeira obra: homicídio

7,25: ‘não é esse que procuram matar?’

11,53: ‘... a partir desse dia, resolveram mata-lo’

Chefes dos sacerdotes e os guardas:

19,6: ‘Crucifica-o! Crucifica-o!’

Os judeus e os chefes dos sacerdotes:

19,15: ‘À morte! À morte!’ Crucifica-o!’

Segunda obra: mentira

1ª mentira:

18,31: Disse-lhes Pilatos: “tomai-o vos mesmos e julgai-o conforme vossa Lei”. Disseram-lhe os judeus: ‘não nos é permitido condenar ninguém à morte’...

19,7: ‘Os judeus responderam-lhe: “Nós temos uma lei, conforme essa Lei, ele deve morrer...”’.

2ª mentira:

19,15: Os chefes dos sacerdotes responderam: ‘Não temos outro rei a não ser César!’

Neste caso, é notório saber que apenas Deus era considerado o único Rei de Israel. Mesmo os reis que reinaram sobre Judá tinham a consciência de que o verdadeiro rei era o “Deus de Israel” (cf. Is 43,15; 44,6; Ne 13,26; Sl 149,2; 1Sm 8; 2Sm 5; cf. Jo 1,49).

Os “judeus”³⁶ ao assumirem os atributos do diabo tornam-se, a partir dessas obras, filhos do diabo no Evangelho de João, perdendo, assim, a filiação divina ou abraâmica. Além do mais, praticando as obras do diabo, “os judeus” não podem escolher a Jesus, que é o Filho do Pai (cf. Jo 1,18; 5,20; 6,27.42; 8,16.18.19.28.48.54; 10,30), mas são obrigados a escolher o filho do pai deles (cf. Jo 8,41.44), por isso, a escolha de Barrabás.

Como se pode verificar, no relato, joanino, existe uma relação entre o tema da paternidade diabólica dos judeus (cf. 8,44) e a escolha de Barrabás, com a conseqüente negação de Jesus no relato da paixão de Jo 19.

Conclusão

Barrabás surge nos relatos de Mateus, Marcos e João imediatamente após Pilatos perguntar a Jesus se ele é o rei dos judeus, enquanto em Lucas, logo após ele enviar Jesus a Herodes. Nos relatos, o grupo que pede a anistia para Barrabás e a condenação de Jesus também divergem. Em Mateus e Marcos é a multidão que pede a libertação de um preso, em Lucas são os sumos-sacerdotes, os chefes do povo e o povo e em João, são os judeus. O tema da anistia é descrito em Mateus e Marcos como uma prática do governador, em Lucas como uma obrigação e em João como um costume judeu. Quanto a iniciativa da libertação, em Mateus a iniciativa é de Pilatos enquanto a multidão se aproxima esperando libertação de um preso sem apresentar alguma solicitação. Em Lucas são os sumos-sacerdotes, os chefes e o povo que pedem a libertação de Barrabás, enquanto em João é Pilatos que lembra aos judeus o costume de libertar um prisioneiro. No relato de Mateus é Pilatos que propõe a escolha de Jesus, o Cristo, ou Barrabás para ser anistiado. Em Marcos e João, Pilatos sugere a libertação de Jesus, apresentado como Rei dos Judeus e em Lucas, Pilatos não emite nenhuma questão. Como resposta a questão de Pilatos, em Mateus e

³⁶ Conforme a nota anterior, os “judeus”, aqui, trata-se das lideranças judaicas quando assumem posições ou ações contrárias a Lei e em nome desta.

Marcos, os chefes dos sacerdotes (e os chefes dos povos = Mt), incitam o povo a pedirem Barrabás. Em Lucas os chefes dos sacerdotes e do povo e a multidão vociferam morte a Jesus e libertação de Barrabás e em João os judeus gritam rejeitando Jesus e pedindo a libertação de Barrabás.³⁷

Nos Evangelhos, Barrabás vai desde um preso famoso (Mateus) a um bandido (João). Nas narrativas evangélicas Barrabás é um personagem neutro e passivo, apenas é apresentado como escolha em vista de uma anistia de prisioneiro e, assim, posto em relação a Jesus Cristo. No Evangelho de Mateus, o autor acrescenta o nome Jesus a Barrabás, neste sentido cabe a escolha entre Jesus Barrabás e Jesus Cristo. Além do mais, neste Evangelho é apresentado como sendo alguém “famoso”, neste sentido, possivelmente ele estava a frente de um grupo de rebeldes políticos e, portanto, temido por Pilatos, que busca anistiar Jesus Cristo que não representava um perigo em potencial para o estado. Marcos apenas apresenta Barrabás como um dos amotinados que estava sendo processado, ao passo que Lucas lhe imputa a culpa de homicídio diretamente. João parece caminhar na direção de Mateus, ao apresentar Barrabás como um bandido, entendido como um rebelde político, um amotinador. Neste sentido, ele gozaria de certa fama, o que o coloca em destaque no processo joanino.

A particularidade joanina é que teologicamente o autor trabalha o tema da paternidade, no qual os judeus deverão escolher o filho de Deus ou o filho do diabo. Exigindo a morte de Jesus, as lideranças judaicas assumem as obras do diabo, que no capítulo oito os configura com a paternidade demoníaca.

Verificou-se ainda que a iniciativa da libertação de Barrabás em Mateus parte de Pilatos, em Marcos parte da multidão e em Lucas parte dos chefes dos sacerdotes e dos chefes povo e em João, a iniciativa parte dos judeus.

³⁷ Cf. BROWN, R. E. *El Evangelio según Juan* (XIII-XXI), p. 1261-1263.

Bibliografia

- BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*, v. IV. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.
- BROWN, R.E. *El Evangelio según Juan* (XIII-XXI). Madrid: Ediciones Cristiandad, 2000.
- _____. *La Morte del Messia*. Brescia: Queriniana 1999.
- DODD, C. H., *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica-Paulus 2003.
- FISTZMYER, J.A., *El Evangelio según Lucas*. Madrid: Ediciones Cristiandad 2006.
- GNILKA, J. *Il Vangelo di Matteo*, Parte Seconda. Brescia: Paideia Editrice, 1991.
- NEVES, J. C. das. *Escritos de São João*. Lisboa, Universidade Católica Editora
- PESCH, R. *Il Vangelo di Marco*, Parte Seconda. Brescia: Paideia Editrice, 1982.
- RENGSTORF, K.H. λῆσθη, in *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. V. 6. Brescia: Paideia Editrice, 1970.
- SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni*, Parte Terza. Brescia: Paideia Editrice, 1981.